



ORNAMENTAÇÃO CERÂMICA NA CIDADE DE OVAR. AS ALEGORIAS E O TRATADO DE CESARE RIPA – ESTUDO DE CASO

Sofia Nunes Vechina; Doutoranda em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; sofiaavr@gmail.com

RESUMO

A arquitetura entendida como a construção ordenada e organizada de um espaço que pretende dar resposta a uma determinada finalidade, resulta de um programa complexo que respeita e afigura o contexto social, cultural e económico do encomendante.

Focado na importância simbólica do frontispício da obra arquitetónica o presente trabalho deixará alguns apontamentos sobre a funcionalidade das esculturas alegóricas na cidade de Ovar, analisando a construção onde se inserem do ponto de vista tipológico, funcional, social e económico; reconhecendo, sempre que possível, a relação do tema alegórico com o percurso histórico e a figura do proprietário; e identificando as fábricas que as produziram.

Paralelamente serão referenciados os temas alegóricos, realçando a utilidade descritiva e figurativa do tratado de *Iconologia*, publicado pela primeira vez em 1593, em Roma, por Cesare Ripa, evidenciando, deste modo, a importância da fonte quinhentista na tradição artística, mais concretamente na produção de estátuas cerâmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, fachada, ornamentação cerâmica, alegorias, Cesare Ripa

1. INTRODUÇÃO

Segundo José Quintão (QUINTÃO¹, p. 41), a fachada é *“entre todas as partes da idealização dos elementos construtivos do uno a construir, uma das mais difíceis de consubstanciar. O acto de a desenhar foi, é e será sempre um dos momentos mais inexoravelmente exigentes do acto de architectar, pese embora a importância que têm os outros componentes”*, pois o frontispício de um edifício traduz as ideologias, crenças, memórias e histórias de quem o habita.

Estes valores apresentam-se, na cidade de Ovar, sobejamente manifestados com recurso à ornamentação cerâmica: azulejos (nas suas mais variadas expressões), balaustres, calões, esculturas, pinhas, telhas, urnas e vasos.




Conscientes da carência de trabalhos científicos sobre a escultura cerâmica de figura humana em fachadas passaremos a apresentar, depois de um rigoroso levantamento e análise rua a rua, algumas anotações sobre a utilização das alegorias na cidade de Ovar, a importância das fontes primárias da Época Moderna para a compreensão da produção artística do século XIX e XX, a necessidade de identificação de peças através de catálogos e no cruzamento desta informação revelaremos a importância de um património muitas vezes esquecido pela História da Arte e a necessidade de recuar no tempo para perceber as suas origens.

2. A FIGURA HUMANA NAS FACHADAS DE OVAR

Analisados todos os edifícios, num total de vinte e sete exemplares com escultura figurativa em cerâmica, foi possível dividir os imóveis em três tipologias arquitetónicas (Tabela1), e detetar três exceções: por um lado um dos antigos armazéns de Afonso Martins, comerciante de artigos como azeite e cereais, datado de 1826, por outro, duas construções setecentistas, a *Casa de São Lourenço* e a *Quinta de São Tomé*, ambas azulejadas e ornadas com elementos cerâmicos posteriormente à sua origem.



Tabela 1. Tipologias arquitetónicas dominantes.

<i>Exemplo</i>	<i>Nº total de edifícios</i>	<i>Características</i> (identificação de ruas)
<p>Tipo 1</p> 	18	<ol style="list-style-type: none"> 1. De rés-do-chão com um número variável de portas (1 ou 2) e janelas de peitoril (1, 2 ou 4); 2. Com fachada totalmente revestida a azulejos, à exceção de dois exemplares, um não azulejado e outro com um ligeiro apontamento nas molduras dos vãos; 3. Rematados, em geral, por uma balaustrada encimada por uma ou duas figuras, geralmente, ladeadas por vasos ou pinhas cerâmicas; 4. Três edifícios apresentam a balaustrada interrompida, em dois casos por uma mansarda, noutro por um frontão; 5. Um imóvel em vez da balaustrada apresenta platibanda almofadada, rematada por duas pinhas nos vértices e uma alegoria ao centro. <p>(Av. Dos Bombeiros Voluntários, Av. Tomás Ribeiro, R. Alexandre Herculano [3], R. Visconde de Ovar [5], R. Camilo Castelo Branco, R. Capitão Leitão, R. Lourenço Medeiros, R. Marechal Zagalo, Rua Padre Ferrer [3], R. das Pupilas)</p>
<p>Tipo 2</p> 	4	<ol style="list-style-type: none"> 1. De Rés-do-chão com cave pronunciada; 2. Rematados, genericamente, por balaustrada corrida ou interrompida por mansarda; 3. Um imóvel é rematado por platibanda almofadada. <p>(R. Coronel Hélder Ribeiro, R. Licínio de Carvalho, R. Miguel Bombarda, R. Dr. Cunha)</p>
<p>Tipo 3</p> 	2	<ol style="list-style-type: none"> 1. De dois pisos com um número variável de portas (1 ou 3) e janelas (5 ou 3 – sendo a superior, central, de sacada e as restantes de peitoril); 2. Rematados por balaustrada encimada por quatro estátuas cerâmicas; 3. Mansarda recuada em relação à balaustrada. <p>(R. Alexandre Herculano, R. Dr. José Falcão)</p>

Em suma, os edifícios analisados, regra geral, terão servido desde a sua construção para habitação e excetuando dois têm a fachada totalmente azulejada, sendo a balaustrada cerâmica a base mais utilizada para a aplicação de figuras (no centro e/ou nos vértices), geralmente, acompanhadas por duas pinhas/vasos igualmente cerâmicos.

2.1. As esculturas oito/novecentista e as alegorias de Cesare Ripa

Efetuada as necessárias anotações, sobre a arquitetura, importa analisar as esculturas existentes, no que diz respeito à encomenda e à representação.

Relativamente à encomenda, como iremos verificar, o encomendante recorria, por norma, a um catálogo da fábrica à qual pretendia fazer o pedido e procedia à seleção da peça pretendida.

Quanto ao segundo item, é seguida uma tradição representativa que facilmente se comprova pelas descrições e gravuras da obra de Cesare Ripa.

Cesare Ripa (1555 - 1622), Cavaleiro de São Maurício e São Lázaro, publicou, em 1593, a obra de *Iconologia* (RIPA²), que, sem qualquer responsabilidade por parte do autor, foi estampada de forma errónea, levando, em 1611, a uma segunda edição, corrigida e acrescentada (RIPA³).

Este livro revelou-se extremamente influente à época, tendo como objetivo apresentar uma enciclopédia alfabética de alegorias que servisse poetas, pintores e escultores, contribuindo para a







representação de virtudes, vícios, sentimentos e paixões humanas (RIPA²), reconhecidas por meio de atributos e simbologias.











Algumas das variadíssimas edições da supracitada obra chegaram a Portugal e terão contribuído, amplamente, como fonte de inspiração, permitindo o desenvolvimento da criatividade artística alicerçado em descrições precisas dos atributos base de cada alegoria.









As esculturas alegóricas existentes na cidade de Ovar, ainda em pleno século XX, revelam a proximidade aos textos e estampas da obra de Cesare Ripa. Ambiciona-se, portanto, compreender, no caso de Ovar, a perduração das formas e a interpretação artística da fonte, recorrendo a citações (de tradução livre) e estampas da segunda edição (Tabela 2).











Relativamente às esculturas fotografadas e analisadas na cidade de Ovar, serão identificadas todas as esculturas figurativas, posicionadas no frontispício; destacadas e analisadas as alegorias presentes no tratado de Cesare Ripa; reconhecidas as fábricas através de catálogo ou de assinatura visível na base da peça. Sempre que for atribuído um possível centro de produção, a sugestão geográfica de fabrico terá em conta a comparação entre catálogos de fábricas e a similitude com o objeto.








Tabela 2. Esculturas Cerâmicas, Fábricas e Referências Documentais









Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
Continentes		
<p>África [1]</p>  <p>(Rua Dr. José Falcão, Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 13)</p>	 <p>“Uma mulher morena, quase nua, de cabelo crespo (...), na mão (...) esquerda [tem] uma cornucópia (...) é acompanhada por um leão feroz (...)” [RIPA³, p. 352]</p> <p>NOTA: A peça representa, na mão direita, uma cornucópia e aos pés uma pele de leão.</p>
<p>América [3]</p>  <p>(Rua Dr. José Falcão, Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 13)</p>	 <p>“Mulher nua de tez morena (...) em torno do corpo (...) um ornamento de penas de várias cores. Tem na mão esquerda um arco, na direita uma flecha (...)” [RIPA³, p. 353]</p>











Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p>[2]</p>  <p>(Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 14)</p>	<p>NOTA: AS duas peças seguem a tipologia exposta.</p>
<p>Ásia [1]</p>  <p>(Rua Dr. José Falcão)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 13)</p>	 <p>“Mulher coroada (...), estará vestida com um riquíssimo hábito (...), na mão (...) esquerda terá um (...) incensório (...)” [RIPA³,p. 351]</p> <p>NOTA: A peça apresenta um incensório na mão esquerda.</p>
<p>Europa [1]</p>  <p>(Rua Dr. José Falcão)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 13)</p>	 <p>“Mulher ricamente vestida de hábito de cores reais, coroada, posicionada entre duas cornucópias (...), na mão direita tem um bellissimo templo (...) e aponta para diversas coroas (...)” [RIPA³,p. 349]</p> <p>NOTA: Nas duas peças é evidente a postura real, com vestimenta e coroa apropriada, sendo no segundo caso de referir o templo acolhido pela mão esquerda e o dedo, da mão direita, que aponta na sua direção.</p>
<p>[2]</p>  <p>(Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 13)</p>	<p>NOTA: Nas duas peças é evidente a postura real, com vestimenta e coroa apropriada, sendo no segundo caso de referir o templo acolhido pela mão esquerda e o dedo, da mão direita, que aponta na sua direção.</p>
Estações do ano		







Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p>Primavera [3]</p>  <p>(Rua Alexandre Herculano, Rua Marechal Zagalo, Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 14)</p>	<p>“Donzela coroada de murta que encheu as mãos de flores (...)” [RIPA³,p. 499]</p> <p>NOTA: A peça enquadra-se na descrição de Cesare Ripa.</p>
Meses		
<p>Outubro [1]</p>  <p>(Largo Miguel Bombarda)</p>	<p>Possivelmente de fabrico portuense.</p>  <p>(Catálogo⁴, p. 22)</p>	<p>“Homem que segura com a mão esquerda uma cesta plena de grão e com a direita espalha-o no chão (...)” [RIPA³,p. 334]</p> <p>NOTA: A peça aproxima-se tipologicamente à alegoria de <i>Outubro</i> reproduzida no Catálogo das <i>Devezas</i>, porém, poderá pertencer a outra fábrica. A alegoria das <i>Devezas</i> assemelha-se à descrição de Cesare Ripa.</p>
Mitologia grega e romana		
<p>Mercúrio [1]</p>  <p>(Rua 31 de Janeiro)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 12)</p>	<p>“Um jovem nu com um único pano (...), terá cabelo de ouro (...) com um capacete com duas asas, tomará em mãos o <i>Caduceu</i> e nos pés as <i>Talaris</i> (...)” [RIPA³,p.65]</p>
<p>[1]</p>  <p>(Rua Alexandre Herculano)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 15)</p>	<p>NOTA: As duas peças harmonizam-se com esta descrição.</p>

Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p>Neptuno [1]</p>  <p>(Rua Dr. Lourenço Medeiros)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 12)</p>	<p>-</p>
<p>Tritão [1]</p>  <p>(Avenida dos Bombeiros Voluntários)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 22)</p>	<p>-</p>
Ofícios		
<p>Agricultura [1]</p>  <p>(Rua Alexandre Herculano)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 15)</p>	
<p>[1]</p>  <p>(Rua Padre Ferrer)</p>	<p>Fábrica Pereira Valente (Devesas) – assinado na base</p>	<p>“Mulher vestida de verde, com uma grinalda de trigo na cabeça, na mão esquerda tem o círculo dos doze signos celestiais, abraçando com a direita um arbusto florido (...)” [RIPA³,p. 13]</p> <p>NOTA: As peças ovarenses mantêm a coroa de trigo e seguram no braço esquerdo um viçoso ramo.</p>
<p>Arquitetura [3]</p>  <p>(Rua Alexandre Herculano, Rua Coronel Hélder Ribeiro, Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 20)</p>	<p>“Mulher de idade madura com um braço nu (...) numa mão tem o pendulo e o compasso com um quadro, na outra tem uma carta onde está desenhada a planta de um palácio com alguns números em torno.” [RIPA³,p. 33]</p> <p>NOTA: A figura, de ombro esquerdo nu, apresenta o compasso na mão direita e a planta em cima da coluna.</p>

Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p style="text-align: center;">Artes [1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Alexandre Herculano)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 15)</p>	 <p>“Mulher vestida de verde, na mão direita segura um pincel e um formão e na esquerda um bordão fixo na terra ao qual se liga uma planta nova ancora (...).” [RIPA³,p. 37]</p> <p>NOTA: A peça não apresenta um bordão, mas a base sólida de um coluna, aos pés da alegoria, e uma ferramenta artística na mão direita.</p>
<p style="text-align: center;">Indústria [1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Alexandre Herculano)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 15)</p>	<p>“Mulher com roupa bordada com muito artificio (...) tem (...) mão (...) pousada sobre um guincho, do qual se movem pesos (...)” [RIPA³,p. 254]</p>
<p style="text-align: center;">[1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Capitão Leitão)</p>	<p>Possivelmente de fabrico portuense.</p>	<p>NOTA: As alegorias ovarenses apresentam-se segurando numa mão mecanismo do trabalho industrial, como por exemplo a roda dentada, necessária ao bom funcionamento do referido guincho.</p>
<p style="text-align: center;">Marinha [2]</p>  <p style="text-align: center;">(Avenida Tomás Ribeiro, Rua Coronel Hélder Ribeiro)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 17)</p>	<p style="text-align: center;">-</p>

Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p>Saúde [2]</p>  <p>(Rua das Pupilas, Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 16)</p>	<p>“Mulher de idade madura, na mão direita terá um galo, e na esquerda um bastão ao qual se enrosca uma serpente.” [RIPA³,p. 453]</p> <p>NOTA: A estrutura da peça corresponde plenamente ao texto citado.</p>
Funções		
<p>Bailarina [1]</p>  <p>(Rua Dr. Cunha)</p>	<p>Possivelmente de fabrico portuense.</p>	<p>-</p>
<p>Salteador [1]</p>  <p>(Rua Camilo Castelo Branco)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 21)</p>	<p>-</p>
Valores humanos		
<p>Amizade [1]</p>  <p>(Rua Padre Ferrer)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 16)</p>	 <p>“Mulher vestida de branco (...) mestra o ombro esquerdo e o peito nu, com a mão direita mostra o coração (...)” [RIPA³,p. 17]</p> <p>FONTE: A peça revela grande proximidade ao texto citado. Não mostra o coração mas indica-o.</p>

Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p style="text-align: center;">Bondade [2]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Alexandre Herculano, Rua Padre Ferrer)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 16)</p>	 <p>“Mulher bonita, vestida de ouro, com grinalda (...) no braço tem um pelicano com os filhinhos (...)” [RIPA³,p. 61]</p> <p>NOTA: A <i>Bondade</i> ovarense apresenta-se sem coroamento de grinaldas, mas igualmente segurando uma ave, embora não pareça um pelicano.</p>
Virtudes Teologais		
<p style="text-align: center;">Fé [1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Dr. José Falcão)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 16)</p>	<p>A Fé cristã é representada como uma “virgem com o hábito branquíssimo sob uma pedra quadrada, com a mão direita eleva uma cruz (...)” [RIPA³,p. 179]</p> <p>NOTA: A peça apresenta características similares ao descrito, segurando a cruz com as duas mãos.</p>
<p style="text-align: center;">Esperança [1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Dr. José Falcão)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 16)</p>	<p>“Mulher vestida de amarelo (...) na mão esquerda terá uma âncora” [RIPA³,p. 492]</p> <p>NOTA: Embora bastante simplificada em relação à descrição completa de Cesare Ripa para esta alegoria, efetivamente, a peça segue as características expostas.</p>
<p style="text-align: center;">Caridade [1]</p>  <p style="text-align: center;">(Rua Dr. José Falcão)</p>	 <p style="text-align: center;">(Catálogo⁴, p. 16)</p>	 <p>“Mulher vestida de vermelho (...) no braço esquerdo uma criança à qual dá leite, e duas outras brincando de pé, uma delas estará abraçada à mão direita” [RIPA³,p. 75]</p> <p>NOTA: A peça apresenta duas crianças, uma a ser amamentada e outra abraçada à perna direita da figura.</p>
Santos		

Peça (designação, quantidade, localização)	Fábrica (catálogo/ identificação)	Fonte Iconológica (citações da fonte, notas sobre as peças)
<p>São Tomé [1]</p>  <p>(Rua Luís de Camões)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 18)</p>	-
Outros		
<p>A União Faz a Força [1]</p>  <p>(Rua Visconde de Ovar)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 20)</p>	-
<p>Petiz Peixe [1]</p>  <p>(Rua Licínio de Carvalho)</p>	 <p>(Catálogo⁴, p. 22)</p>	-

As 41 peças analisadas, apresentam 25 títulos, dos quais, 17 foram identificados em Cesare Ripa – correspondendo à descrição de 1618 – e 21 foram reconhecidos no catálogo da fábrica das *Devezas* (Catálogo⁴), 1 está assinado pela fábrica Pereira Valente, e em 3 não foi identificada a fábrica, portanto, pode concluir-se que a *Fábrica das Devezas*, foi a detentora de quase todas as encomendas de estátuas cerâmicas em Ovar.

Apurando a quantidade de peças produzidas dentro de uma determinada temática, constata-se que os ofícios (12) e os continentes (10) são os mais frequentes, enquanto os valores humanos e a mitologia (4 cada), as virtudes teológicas (3), as estações do ano, funções e outras temáticas (2 cada), bem como os meses e os santos (1 cada), estão em menor número.

Em 1863, Júlio Dinis dizia que em Ovar “(...) assiste-se às lavoiras, às ceifas, às regas; conversa-se com os jornaleiros sobre as novidades agrícolas (...)” (CHAVES⁵, p. 147) e confessava, ainda, que “(...) ontem fui ao mar; mas não vi a pesca da sardinha: Estou receando que parta sem assistir a esse espectáculo” (CHAVES⁵, p. 57). Portanto, descreve uma profunda ligação à agricultura e ao mar, não sendo de estranhar que existam esculturas alegóricas dedicadas à agricultura, à marinha, a Neptuno (deus romano do mar) e a Tritão (deus grego marinho).

A ligação de Ovar à indústria e comércio passa pela produção de telha, de papel, venda de cereais, etc., e pode ser comprovado, por exemplo num dos antigos armazéns de Afonso Martins, datado de 1826 e rematado pela escultura de mercúrio – deus grego do comércio - associado à vigilância e proteção do comércio marítimo, sempre que se apresenta com uma âncora.



Quanto à saúde, é desde o século XIX reconhecida a ligação desta cidade às farmácias da família Lamy, enquanto, no que respeita à arte, poder-se-ia referir o valioso contributo de artistas como Beatriz Campos, Emerenciano ou Sara Uva – discípula de Dórdio Gomes.

Relativamente à arquitetura, infelizmente pouco estudada, poder-se-ia identificar imediatamente a importância da obra de Januário Godinho, natural de Válega – Ovar, ou a existência de alguns mestres-de-obras em Ovar (VECHINA⁶). Dada a carência de estudos sobre estes últimos, resta-nos uma pergunta: Terá algum edifício embelezado com uma *Arquitetura* ligação a um desses profissionais?

Os continentes serão a referência aos emigrantes de torna viagem?

Na Rua Padre Ferrer, a atual proprietária da *Casa de António Maria Gonçalves* revelou-nos que este emigrou, no século XIX, para Belém do Pará e regressando a Portugal, construiu, em 1898, a sua residência em Ovar. Porém o edifício de piso térreo é encimado por uma alegoria à amizade, talvez o sentimento que o fez regressar.

A forte tradição religiosa, efetivamente, parece não estar tão presente neste material cerâmico como está na pedra Ançã ou na madeira. Os santos e as virtudes teológicas surgem representados em dois monumentos da Época Moderna.

A imagem de São Tomé eleva-se num nicho da *Quinta de São Tomé*, edifício próximo da extinta (em 1844) Capela de São Tomé, existente em 1623 (LAMY⁷, p. 106).

A *Casa de São Lourenço*, com capela construída no ano de 1746, pertença do Padre Ventura da Silva (Arquivo⁸), é ornamentada nas paredes com uma cercadura alusiva à eucaristia (parras de uvas) e no cimo dos cunhais com as três virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade), marcando a profunda ligação deste edifício ao seu primeiro proprietário e consequentemente à Igreja, à sua devoção, poder social, económico e cultural.

3. CONCLUSÃO

Em suma, no final do século XIX e início do século XX, é evidente a perduração das formas. Embora mais simplificadas, as alegorias estudadas apresentam-se incontestavelmente ligadas à tradição que vem desde o século XVII, sendo possível usar as descrições e gravuras seiscentistas para apresentar as referidas peças cerâmicas.

Portanto, comprova-se a importância da circulação da tratadística italiana na produção artística portuguesa, ao longo dos séculos.

A casa de piso térreo é claramente a que mais frequentemente recorre a estes elementos, por vezes/muitas vezes, símbolo da posição do seu proprietário.

Neste caso a escassez de trabalhos sobre a população, a arquitetura, os artistas e artífices, entre outros, é nitidamente um entrave neste artigo, por isso, serve o presente para deixar algumas considerações, devidamente fundamentadas, na esperança de estimular futuros projetos de investigação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ QUINTÃO, José César Vasconcelos – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico – Uma sistematização classificativa*. Porto, 2000. Tese de Doutoramento apresentada em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

² RIPA, Cesare – *Iconologia Overo Descrittione Dell’Imagini Vniversali Cavate Dall’Antichita Et Da Altri Lvoghi*. Roma: Heredi di Gio. Gigliotti, 1593.

³ RIPA, Cesare – *Nova Iconologia*. 2^o ed. Padova: Pietro Paolo Tozzi, 1618.

⁴ *Catálogo da Fabrica Ceramica e de Fundição das Devezas*. Antonio Almeida da Costa & C.^a. Vila Nova de Gaia: Real Typ. Lith. Lusitana, 1910.



⁵ CHAVES, Maria Adelaide Godinho Arala – *Júlio Dinis. Um Diário em Ovar. 1863*1866*. Porto: Campo das Letras, 1998.

⁶ VECHINA, Sofia Nunes – Manuel Soares de Almeida: Um mestre de obras no concelho de Ovar (c. 1872-1956). In *Poligrafia*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, nº 13/14, 2006/2007, p. 69-102.

⁷ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar*. 1º vol. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 2000.

⁸ Arquivo Episcopal do Porto – *Autos de Capella de R^{do} P^e Ventura da Sylva da freg^a de Sam Christovão da villa de Ovar Com^a da Feyra*, 1743.